

ELOS DA FUNDAÇÃO DE ROMA

Profa Me. Leni Ribeiro Leite -UFRJ

Resumo: Com o presente trabalho, objetivamos a análise de um dos episódios que precedem à fundação da *Urbs* narrado por Ovídio no livro II da obra *Fasti*, enquanto exemplo do ideário político construído à época de Augusto, em que Roma figura desde os tempos mais antigos como cidade predestinada à glória militar, e alvo de proteção constante dos deuses e deusas.

Palavras-chave: Ovídio; Fastos; Fundação de Roma; Procas.

Ovídio, poeta cujo engajamento no projeto político de Otávio Augusto é motivo de debates, legou-nos em sua obra poética um grande número de mitos e crenças da tradição romana, bem como histórias correntes em sua época. Muitas delas só são atualmente conhecidas através dos poemas ovidianos, e outras são apenas brevemente citadas por outros autores. Ovídio dá a elas um brilho e atenção especiais, muitas vezes por motivos que nos parecem explicáveis apenas pela própria construção de sua obra poética, outras vezes por uma compreensão dos ideais sociais e políticos em que ele pode ter sido inserido. A história romana tem como um de seus argumentos privilegiados a afirmação da crença de que a supremacia política e econômica de Roma estava escrita no destino, que era inevitável, e que Roma tinha a bênção dos deuses

No seu longo poema deixado incompleto, os *Fasti*, Ovídio tinha por meta uma descrição minuciosa do calendário romano e das festas que nele figuravam, de cunho religioso ou social. Em sua forma didática de explanar as festividades e motivos do calendário, Ovídio deixou registro de lendas interessantes e curiosas, muitas das quais vêm de encontro ao ideal de apontar a benemerência da cidade de Roma e a proteção dos deuses de que gozava; mais, de realçar o fator divino como marcante da vontade sobre-humana que regia a existência de uma supremacia romana sobre os demais povos.

Muitos dos episódios que vêm corroborar tal desígnio divino têm ligação com a fundação de Roma e seus primeiros anos. A própria história da Fundação, de Rômulo e Remo, é narrada em mais de um de seus poemas; muitas outras histórias passadas nos primeiros momentos da história de Roma são retomados por Ovídio, tais como o Rapto das Sabinas, o estupro de Lucrecia e a conseqüente queda da monarquia, e mesmo outros menos conhecidos, tais como o que analisaremos neste artigo.

A ASCENDÊNCIA DE RÔMULO

Muito cedo na história, os romanos buscaram para si ascendência ilustre, como a dos gregos, e que explicasse seu crescente sucesso bélico. A versão que conta que Enéias teria fugido de Tróia e levado seus *penates* até o Lácio já era corrente bem antes de Vergílio imortalizá-la na Eneida. Havia também, acredita-se entre outros povos latinos, o mito dos gêmeos e da loba, de Rômulo e Remo. Assim também era conhecimento corrente que a população de Roma se fizera a partir de matrizes latinas e sabinas.

Em contraste com a pouca quantidade de material narrativo antigo acerca dos deuses, os romanos tinham uma grande quantidade de lendas quase-históricas sobre a fundação e os princípios de sua cidade. Reis ancestrais, como Rômulo e Numa, eram praticamente mitológicos, e o material lendário se estende até o início da primeira república. Além da grande quantidade de tradições autóctones, lendas heróicas de origem grega foram amalgamadas àquela coleção desde muito cedo, considerando Enéias, por exemplo, como ancestral de Rômulo e Remo.

Assim, muito cedo na história de Roma, houve por bem criar uma forma de unir as lendas itálicas às gregas, criando assim uma única lenda plausível acerca da Fundação de Roma. Como algumas lendas antigas imputavam ao filho de Enéias a fundação da nova cidade, e os mitos itálicos mencionavam os gêmeos amamentados pela loba, havia a necessidade de explicar a diferença temporal que os separava. Portanto, a cidade fundada por Iulo teria sido a cidade-mãe de Roma, Alba Longa, e os gêmeos acabaram por ser descendentes distantes do herói troiano.

A mitologia romana registra toda uma linhagem de reis entre Enéias e Rômulo, a maior parte deles apenas nomes de fato, como ponte entre essas duas figuras centrais. É importante ressaltar ainda que Enéias e Rômulo, por sua vez, representam os deuses protetores de Roma, visto que Enéias é filho de Vênus, e Marte é pai de Rômulo. Dentre os reis lendários que se encontram na linhagem de Rômulo, encontramos Procas, pai de Numitor, por sua vez pai de Réia Sílvia, que deu à luz os gêmeos.

PROCAS, BISAVÔ DE RÔMULO, NOS *FASTI*

Os *Fasti*, obra de Ovídio escrita provavelmente durante seu exílio em Tomos, são um longo poema inacabado. O poema é um tratamento

extensivo do calendário romano, e cada um dos seus livros discorre acerca de um dos meses do calendário romano, começando por janeiro. Ele contém ainda algumas breves informações sobre astronomia, mas a parte mais significativa da obra informa acerca das festividades religiosas de Roma, os ritos que ocorriam em cada uma delas, e suas explicações mitológicas. Estas explicações preservam muito do conhecimento mitológico e religioso que de outra forma teria sido perdido. O poema foi escrito para ilustrar os *Fasti*, o calendário oficial, publicado por Júlio César após este ter remodelado o ano romano, no que ficou conhecido como Calendário Juliano.

Infelizmente, apenas os primeiros seis livros do poema nos restam. Não é certo que Ovídio jamais tenha terminado a obra, ou se o restante dela tenha sido perdido. Aparentemente, Ovídio escreveu, ou ao menos revisou, o livro durante seu exílio em Tomos. Ovídio escreveu também no exílio as coleções de poemas conhecidos como *Tristia* e *Epistulae ex Ponto*. As *Tristia* mencionam os *Fasti*, e que sua composição teria sido interrompida pelo exílio; no livro II daquela obra, o autor menciona ter escrito seis livros dos *Fasti*;¹ e nenhuma fonte antiga menciona qualquer trecho dos últimos seis livros. O poema é dedicado a Germânico, um membro da família imperial de Augusto. Este fato fez com que alguns considerassem que o poema fora escrito acerca de temas religiosos, antigos e patrióticos, de forma a melhorar a reputação de Ovídio junto aos governantes de Roma, na tentativa de conseguir-lhe o retorno a Roma.

Em consonância com tais ideais, explica-se a razão da importância dada por Ovídio a certas passagens da história romana que são ignoradas ou tratadas muito brevemente por outros autores. Claramente, pode-se também argumentar acerca do valor literário e do gosto pela erudição dos episódios mitológicos narrados por Ovídio, em consoante com sua obra máxima, as *Metamorfoses*.

O episódio aqui em questão é o que trata de Procas, bisavô de Rômulo que, com poucos dias de nascido, teria sido atacado por aves sanguinárias, identificadas com a *strix*. Segue-se o trecho, com tradução de minha autoria:

sic fatus spinam, qua tristes pellere posset
a foribus noxas (haec erat alba) dedit.
sunt avidae volucres, non quae Phineia mensis
gutturam fraudabant, sed genus inde trahunt:

grande caput, stantes oculi, rostra apta rapinis;
canities pennis, unguibus hamus inest;
nocte volant puerosque petunt nutricis egentes,
et vitiant cunis corpora rapta suis;
carpere dicuntur lactentia viscera rostris,
et plenum poto sanguine guttur habent.
est illis strigibus nomen; sed nominis huius
causa quod horrenda stridere nocte solent.
sive igitur nascuntur aves, seu carmine fiunt
neniaque in volucres Marsa figurat anus,
in thalamos venere Procae: Proca natus in illis
praeda recens avium quinque diebus erat,
pectoraque exsorbent avidis infantia linguis;
at puer infelix vagit opemque petit.
territa voce sui nutrix accurrit alumni,
et rigido sectas invenit ungue genas.
quid faceret? color oris erat qui frondibus olim
esse solet seris, quas nova laesit hiems.
pervenit ad Cranaen, et rem docet. illa 'timorem
pone: tuus sospes' dixit 'alumnus erit.'
venerat ad cunas; flebant materque paterque:
'sistite vos lacrimas, ipsa medebor' ait.
protinus arbutea postes ter in ordine tangit
fronde, ter arbutea limina fronde notat,
spargit aquis aditus (et aquae medicamen habebant)
extaque de porca cruda bimestre tenet,
atque ita 'noctis aves, extis puerilibus' inquit
'parcite: pro parvo victima parva cadit.
cor pro corde, precor, pro fibris sumite fibras:
hanc animam vobis pro meliore damus.'
sic ubi libavit, prosecta sub aethere ponit,
quique adsint sacris respicere illa vetat:
virgaque Ianalís de spina subditur alba,
qua lumen thalamis parva fenestra dabat.
post illud nec aves cunas violasse feruntur,
et rediit puero qui fuit ante color.

Assim dizendo, ele deu a ela um espinho – era um espinho branco -
Com o qual pudesse afastar o mal de sua soleira.
Existem alguns pássaros ávidos, não os que enganaram
Fineu de sua refeição, mas descendentes daquela raça:
Suas cabeças são grandes, seus olhos são esbugalhados, seus bicos
São próprios para estraçalhar, suas penas são cor de cinza, suas garras
são curvadas.
Elas voam à noite, atacando crianças cujas nutrizes estão ausentes,
E vilipendiam seus corpos roubados dos berços.
Dizem que elas se aproveitam dos corpos dos lactantes com seus bicos,
E que suas gargantas estão plenas do sangue que bebem.
Elas são chamadas *striges*, e a razão para este nome
É o som horrível que elas costumam fazer à noite
Quer tenham nascido como pássaros, quer assim tenham sido feitas
Por feitiços, mulheres velhas transformadas em pássaros por magia
Mársia,
Elas entraram no quarto de Procas. Procas era uma presa
Jovem para os pássaros, uma criança com cinco dias de nascida.
Elas sugaram o peito da criança, com línguas ávidas
E a infeliz criança gritou pedindo ajuda.
Assustada pelo grito, a nutriz correu para seu pupilo
E encontrou sua face destroçada pelas garras afiadas.
O que ela podia fazer? A cor da face da criança
Era a mesma das folhas tardias banhadas por uma geada invernal.
Ela buscou Cranae, e contou a ela: Cranae disse:
“Não tenhas medo: seu pequeno pupilo ficará salvo.”
Ela aproximou-se do berço: os pais choravam.
“Suspendei vossas lágrimas” ela disse, “Eu o curarei”.
Rapidamente ela tocou os portais, um após o outro,
Três vezes, com folhas de arbuto, três vezes com o arbuto
Marcou a soleira: espargiu a entrada com água,
Água medicinal, enquanto segurava as entranhas de um leitão de dois
meses:
E disse: “Pássaros da noite, poupem suas entranhas:
Uma pequena vítima é aqui oferecida pela criança pequena.
Tomem um coração por um coração, eu peço, carne por carne,
Nós damos essa vida por uma vida mais amada.”

Assim, depois de ter feito a oferenda, ela pôs a carne cortada
Ao ar livre, e proibiu que todos a olhassem.
Um bastão de Jano, retirado de um pinheiro branco, foi colocado
No lugar em que uma pequena janela dava luz ao quarto.
Depois disso, diz-se, os pássaros evitavam o berço,
E o menino recobrou a cor que possuía antes.

É interessante observar, inicialmente, que o episódio narrado seria
de menor importância, não fosse a clara intenção de mostrar a deusa como
protetora da linhagem de Enéias. Cranae é uma ninfa menor, pouco men-
cionada em outras obras, que viveria próximo ao rio Tibre. Segundo consta,
ela teria vários seguidores, e era protegida por Jano.

Entretanto, mais importante do que a ninfa em si é a indicação
de como a linhagem que levaria a Rômulo, muitas vezes ameaçada, teria
sido sempre guardada e protegida por um sem número de deuses, em con-
formidade com a importância da sucessão. Isto é, o destino de Roma, já há
muito traçado pelas Parcas, teria que ser zelado de forma máxima.

Surge também no trecho uma das poucas menções latinas às
striges, pássaros lendários pertencentes inicialmente à mitologia grega. A
strix era uma antiga criatura lendária, normalmente descrita como um pás-
saro noturno de mau agouro que se alimentava de carne e sangue, tal
como um vampiro. Diferentemente do vampiro, porém, a *strix* não era um
morto, e sim o produto de uma metamorfose. O nome grego significa “co-
ruja”, pássaro com o qual a criatura é normalmente identificada, e que deu
origem ao gênero moderno de classificação taxonômica das corujas.

A mais antiga menção à criatura de que temos notícia seria na
obra perdida *Ornithologia*, do autor grego Boio, parcialmente preservada
nas *Metamorphoses* de Antoninus Liberalis. Este conta a história de
Polifonte e seus dois filhos Agrios e Oreios, que foram punidos por seu
canibalismo, sendo transformados em animais. Polifonte teria se tornado
uma *strix* “que grita à noite”.

A primeira alusão latina à criatura está no *Psêudolo* plautino, de
191 a.C., em que um cozinheiro descreve a culinária de seus inferiores
como a ação das *striges*, isto é, estraçalhando pobre vítimas. Horácio, nos
Epodos, diz que as penas das *striges* são o ingrediente de uma poção do
amor. Também Sêneca as menciona quando, no *Hercules Furens*, mostra
as *striges* como habitantes das fronteiras do Tártaro. Ovídio é o primeiro a

citar o ataque das *striges* como origem do hábito de se comer porco nas Calendas de Junho.

Apesar da abundância de menções, o conceito da *strix* era bastante vago mesmo para os romanos. Plínio-o-Velho, em sua *Naturalis Historia* XI.232, confessa seu pouco conhecimento a respeito dela; ele diz saber apenas que seu nome era amaldiçoado, mas crê que as histórias acerca de sua alimentação devem ser falsas. A lenda da *strix* sobreviveu até a Idade Média, conforme nos conta Isidoro de Sevilha em suas *Etymologiae*, livro XII, cap. 7.42. O nome *strix* deu origem à palavra bruxa em alguns idiomas, tal como a *strega* em italiano, e *shtriga*, em albanês.

PROCAS EM OUTROS AUTORES

Poucos são os demais autores latinos a mencionarem Procas, e as alusões são sempre passageiras. Talvez a mais famosa esteja na Eneida, de Vergílio, no livro VI, vv. 756-770, que cito abaixo, com tradução de minha autoria:

‘Nunc age, Dardanium prolem quae deinde sequatur
gloria, qui maneant Itala de gente nepotes,
inlustris animas nostrumque in nomen ituras,
expediam dictis, et te tua fata docebo.
ille, uides, pura iuuenis qui nititur hasta,
proxima sorte tenet lucis loca, primus ad auras
aetherias Italo commixtus sanguine surget,
Siluius, Albanum nomen, tua postuma proles,
quem tibi longaeuo serum Lauinia coniunx
educet siluis regem regumque parentem,
unde genus Longa nostrum dominabitur Alba.
proximus ille Procas, Troianae gloria gentis,
et Capys et Numitor et qui te nomine reddet
Siluius Aeneas, pariter pietate uel armis
egregius, si umquam regnandam acceperit Albam

“Agora vem, eu vou explicar que glória buscará a prole de Dárdano
Que descendentes te guardam de raça ítala,
Espíritos ilustres que marcham à frente de teu nome,

e eu ensinarei a ti teu destino.

Vê aquele menino, que se apóia sobre um bastão sem cume,
Ele está destinado a ter o lugar mais próximo ao da luz, primeiro a surgir
Na luz superior, dividindo sangue italiano,
Sívio, de nome albano, último dos teus filhos,
A quem tua esposa Lavínia, para ti, avançado na idade,
Dará à luz na floresta, um rei e pai de reis,
Através do qual nossa raça governará Alba Longa.
Após ele, Procas, glória da raça Troiana
E Capis e Númitor, e aquele que reviverá teu nome,
Sívio Enéias, como tu famoso na virtude e nas armas,
Se ele enfim chegar ao trono albano.

Como se pode observar, apesar do tom elogioso, Procas é citado somente, apenas mais um nome na longa lista de reis ilustres a ocupar o trono albano. Este é, além disso, o único outro registro do nome de Procas na poesia latina, já que as demais menções se dão em contextos históricos. Citaremos aqui, a título de exemplo, as menções de Tito Lívio e do texto de autor incerto, comumente citado como de Pseudo-Aurélio Vítor, seguidos de tradução de minha autoria. Cumpre observar, entretanto, que outros historiadores e epitomistas que se ocuparam brevemente dos tempos primevos da história de Roma também citam Procas, sempre apenas de passagem na lista de reis lendários.

Silvius deinde regnat Ascani filius, casu quodam in siluis natus; is Aeneam Silvium creat; is deinde Latinum Silvium. Ab eo coloniae aliquot deductae, Prisci Latini appellati. Mansit Silviis postea omnibus cognomen, qui Albae regnarunt. Latino Alba ortus, Alba Atys, Atye Capys, Capye Capetus, Capeto Tiberinus, qui in traiectu Albulae amnis submersus celebre ad posteros nomen flumini dedit. Agrippa inde Tiberini filius, post Agrippam Romulus Silvius a patre accepto imperio regnat. Aventino fulmine ipse ictus regnum per manus tradidit. Is sepultus in eo colle qui nunc pars Romanae est urbis, cognomen colli fecit. Proca deinde regnat. Is Numitorem atque Amulium procreat, Numitori, qui stirpis maximus erat, regnum vetustum Silviae gentis legat. Plus tamen vis potuit quam voluntas patris aut verecundia aetatis: pulso fratre Amulius regnat. Addit sceleri scelus: stirpem fratris virilem interemit, fratris filiae Reae Silviae per speciem honoris cum Vestalem

eam legisset perpetua virginitate spem partus adimit. (Titi Livi Ab Urbe Condita I, 3)

Reinou depois Sílvio, filho de Ascânio, que por acaso fora dado à luz na floresta; ele tornou-se pai de Sílvio Enéias, e este por sua vez de Latino Sílvio. Por ele muitas colônias foram fundadas, chamadas Prisci Latini. O cognome Sílvio permaneceu depois para todos os que reinaram em Alba. Seus nomes eram Alba, Aty, Capys, Capetus, Tiberinus, que foi submerso ao cruzar o Albula, e seu nome transferido para o rio, que se tornou então o famoso Tiber. Então veio Agripa, filho de Tiber, depois de Agripa reinou seu filho Rômulo Sílvio. Este foi fulminado por um raio e deixou a coroa para seu filho Aventino. Este foi sepultado naquela colina que agora é parte da cidade de Roma, e deu o cognome à colina. Depois dele reinou Procas. Este teve como filhos Númitor e Amúlio, e a Númitor, que era o primeiro na sucessão, legou o antigo reino do povo Sílvio.

1. [1] Proca, rex Albanorum, Amulium et Numitorem filios habuit, quibus regnum annuis vicibus habendum reliquit [ut alternia imperarent]. Sed Amulius fratri imperium non dedit et ut eum subole privaret, filiam eius, Rheam Silviam, Vestae sacerdotem praefecit, ut virginitate perpetua teneretur, quae a Marte compressa Remum et Romulum edidit. (Pseudo-Aurelio Victor I,1)

1. [1] Procas, rei dos Albanos, teve os filhos Amúlio e Númitor, aos quais ele deixou o poder real que eles deviam exercer durante um ano cada um por vez, de forma que governassem alternadamente. Mas Amúlio não deu ao irmão o poder e para priva-lo de descendência, fez sua filha, Réia Sílvia, uma sacerdotisa de Vesta, para que mantivesse a virgindade perpétua, e a qual, tomada por Marte, deu à luz Rômulo e Remo.

Observa-se nesta última versão o eco do mito dos filhos de Édipo, também dois, Etéocles e Polinices, que também deviam dividir o governo, cada um tendo-o por um ano. Neste mito, também um dos irmãos, no caso Etéocles, recusa-se a passar ao irmão o poder ao fim de um ano, deflagrando a guerra dos Sete contra Tebas, conforme narrada na peça de Ésquilo.

Conforme vimos, o episódio acerca do ataque de Procas narrado por Ovídio é único na literatura latina, e vem não só ilustrar e explicar

mitologicamente o hábito romano de comer carne de porco nas Calendas de junho, mas também colabora na confirmação da crença de que a linhagem real romana, descendente de duas linhagens divinas, a saber Vênus e Marte, era protegida e abençoada. O futuro já escrito da raça de Rômulo fora tantas vezes ameaçada e sempre salvaguardada pela intervenção dos deuses, como forma de garantir a realização do glorioso destino de Roma.

Além disso, vimos também que Procas é pouquíssimo citado em outras obras latinas, e seu valor parece ter sido salientado apenas por Ovídio, uma vez que as demais menções a seu nome se fazem apenas no contexto histórico, com o fim de registrar a sua existência dentre os demais reis de Alba Longa, cuja descendência culmina em Rômulo, futuro fundador da cidade de Roma e primeiro de seus lendários reis.

BIBLIOGRAFIA

- AURELIUS VICTOR, PSEUDO-. *Les origines du peuple romain*. Richard. Paris, 1983.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1991. 2vol.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- OVID. *Fasti Liber VI*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- TITUS LIVIUS. *Ab Urbe Condita*. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1976. (Loeb Classical Library)
- VIRGIL. *Eclogues, Georgics, Aeneid Books I-VI*. Ed.rev. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1999. (Loeb Classical Library)

¹ “Sex ego Fastorum scripsi totidemque libellos, / cumque suo finem mense uolumen habet, / idque tuo nuper scriptum sub nomine, Caesar, / et tibi sacratum sors mea rupit opus.”

Figura 1
Hieronymus Bosch. *Stultifera navis*.
Óleo sobre madeira. 55 X 31,5 cm.



Paris, Louvre. “O vos doctores, qui grandia nomina fertis
*Respicite antiquos patris, jurisque peritos.
Non in candidulis pensebant dogmata libris,
Arte sed ingenua sitibundum pectus alebant.*”
(BRANT, Sebastian. *Stultifera Navis* apud
FOUCAULT, Michel. *História da loucura*, p. 24.)
“Vós doutores, que trazeis grandes nomes,
Voltai-vos para olhar os nomes antigos de vossos
pais, e os experientes do vosso direito. Não pensavam
eles os dogmas em livros insignificantes, Mas alimen-
tavam o peito sequioso com a legítima arte (BRANT,
Sebastian. *Stultifera Navis*.)

**STULTIFERAE NAVES:
A HISTÓRIA DA PERCEÇÃO DA LOUCURA**
Profa. Mary Kimiko Guimarães Murashima
(UERJ / FEFJPII / FGV)

Palavras-chave: I. Foucault II. Arqueologia III. Loucura

*“Não quis fazer a história dessa linguagem, mas, an-
tes, a arqueologia desse silêncio”.*

Michel Foucault

DESAFIO ARQUEOLÓGICO

Quando, em 20 de maio de 1961, a sala Louis-Liard da Sorbonne, que tantas vezes já havia testemunhado o triunfo da razão através do discurso de seus grandes filósofos, deu lugar a uma tese cujo objeto (à primeira vista incongruente) resumia-se às manifestações reprimidas do desvario, Michel Foucault iniciava um método de análise que teria ainda uma longa trajetória a cumprir, definindo-se como uma arqueologia do saber.

Com sua *Histoire de la folie à l'âge classique*, Michel Foucault, de fato, exemplificava um novo método, desde o princípio, aliado à idéia de ruptura. Quebra metodológica com a história das idéias e das ciências, expondo sintomas de uma cisão na própria história do indivíduo ocidental: imagem desnudada em seu duplo, reprimido e recalcado através de um procedimento histórico de exclusão – a loucura.

Problematizando a pretensão de verdade de um discurso científico em particular – o psiquiátrico –, a *História da loucura* exercita um estudo das condições de validade desse mesmo discurso e a isso se deve o caráter inovador da **démarche** foucaultiana. Não se trata de uma história da psiquiatria ou da psicopatologia, procurando investigar suas principais teorias ou procedimentos científicos em diferentes momentos de sua história. Trata-se antes de uma problematização das condições anteriores e exteriores ao discurso psiquiátrico, que tem em vista o estabelecimento das condições históricas por meio das quais a loucura passou a ser considerada uma doença mental, tornando-se objeto de estudo de um saber científico específico.